

Investidores britânicos aprovam ajuste brasileiro

Depois de encontros com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, as opiniões foram de apoio à política econômica

Fernando Dantas
de Londres

A defesa do pacote fiscal, do acordo com o Fundo Monetário Internacional e da política econômica brasileira pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, foi bem recebida em Londres. Banqueiros e administradores de fundos de investimentos e de pensão disseram-se impressionados pela firmeza com que Malan defendeu a reação do Brasil à crise russa e assegurou a todos que o ajuste fiscal, desta vez, é para valer.

“Foi uma reunião positiva e construtiva”, disse Alex Jablonowski, executivo do Barclays Bank. “Eu acho que os bancos britânicos vão continuar a apoiar o Brasil e que não há necessidade de nenhum acordo

formal para isto no momento.” Além de Malan, também esteve presente a reuniões ontem, na Embaixada e na residência do embaixador, o diretor da assuntos internacionais do Banco Central, Demóstenes Madureira de Pinho Neto.

David Kern, principal economista e chefe de “inteligência de mercado” do NatWest Group (um dos principais grupos bancário da Grã-Bretanha), o encontro “confirmou o que nós pensávamos, que o pacote foi um passo na direção certa”. Kern acrescentou que espera que todo o pacote fiscal seja aprovado e implementado. “Compreendemos, a partir da reunião, que todas as medidas só requerem maioria simples do Congresso, o que está dentro da capaci-

dade do governo”. Kern também defendeu a participação voluntária do setor privado no apoio ao Brasil, defendida por Malan, e disse que os bancos preferem esta alternativa.

Richard Carss, executivo da Genesis, empresa administradora de fundos de ação, disse estar “encorajado” após o encontro com Malan, e que deseja o

melhor para o Brasil, já que tem uma grande quantidade de recursos dos seus clientes investido no Brasil. Segundo Carss, “há gente comprando ações brasileiras agora”. Ele disse que sua empresa manteve-se

no mercado de ações brasileiro o tempo todo, porque tem investidores de longo prazo na sua base de clientes. “Nossa visão é de que o Brasil é um país no qual temos de investir no

longo prazo. Reconhecemos que há problemas no curto prazo, mas o que o governo está fazendo é admirável”. Quanto à política cambial, Carss

observou que o governo “vem dizendo a mesma coisa há muitos anos”, e o que diz “faz sentido”.

O chairman de um banco de investimentos inglês — que comprou há algum tempo um banco carioca

— disse ter ficado impressionado com a confiança manifestada por Malan de que as medidas fiscais serão aprovadas pelo Congresso, e que o segundo mandato de Fernando Henrique será mais efetivo do que o primeiro neste sentido. “Com todas as medidas duras sendo tomadas no início, o que é a maneira certa, e talvez a única maneira nestas circunstâncias”. O executivo, que preferiu não se identificar, acha que “muito foi feito em pouco tempo”.

Para ele, “os investidores estrangeiros sempre são capazes de dar ao Brasil o benefício da dúvida e existe uma audiência pronta, querendo acreditar, e desejando o melhor (para o País)”. Ele comentou ainda que Malan descreveu como um fator po-

sitivo o fato de que o “hot money” (investimento externo de curto prazo) já deixou o País. “O governo não quer o hot money de volta e não espera administrar US\$ 70 bilhões de reservas no futuro”.

O executivo concorda que a política cambial está correta, porque não faria sentido ao Brasil ter um câmbio que gerasse superávit em conta corrente. “É justo que um país como o Brasil, no início de uma grande mudança, não queira ter superávit, o que seria uma ambição muito estranha.” Hoje, em Londres, a programação de Malan inclui encontros com o chanceler (ministro da Fazenda) Gordon Brown e com o governador do Banco da Inglaterra (banco central), Eddie George.

“Os bancos britânicos continuarão apoiando o Brasil e não há necessidade de um acordo formal para isso”, diz o Barclays